

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense Class.: Cerrado 19

Data: 07/10/93 Pg.: 16

ENTREVISTA/Newton de Castro

É chegada a hora de privilegiar o Cerrado

Como é que o sr. vê o seu retorno à Sematec?

Olha, eu iniciei o período Roriz transferindo a Sematec ao Washington Novaes e tenho muito prazer em retornar, uma vez que naquele curto período em que fiquei fui definitivamente contaminado pela causa ambiental. Em todas as funções que eu exerci a partir daí e em coisas antigas também, porque de certa forma eu já trabalhava nessa área, eu tenho procurado defender alguns princípios em que norteamos nossa atuação ali. Então, agora eu acho que é um processo de consolidação.

A cidade e os problemas ambientais mudaram muito desde a sua saída da Sematec?

Acho que mudaram para melhor. Primeiro porque evoluiu a consciência ambiental, que é a alavanca mestra de todo o processo de revolução que se espera nessa área. Provavelmente Brasília é a capital que mais tem consciência ecológica e ambiental, na minha visão.

Na sua avaliação quais são os principais problemas ambientais do Distrito Federal?

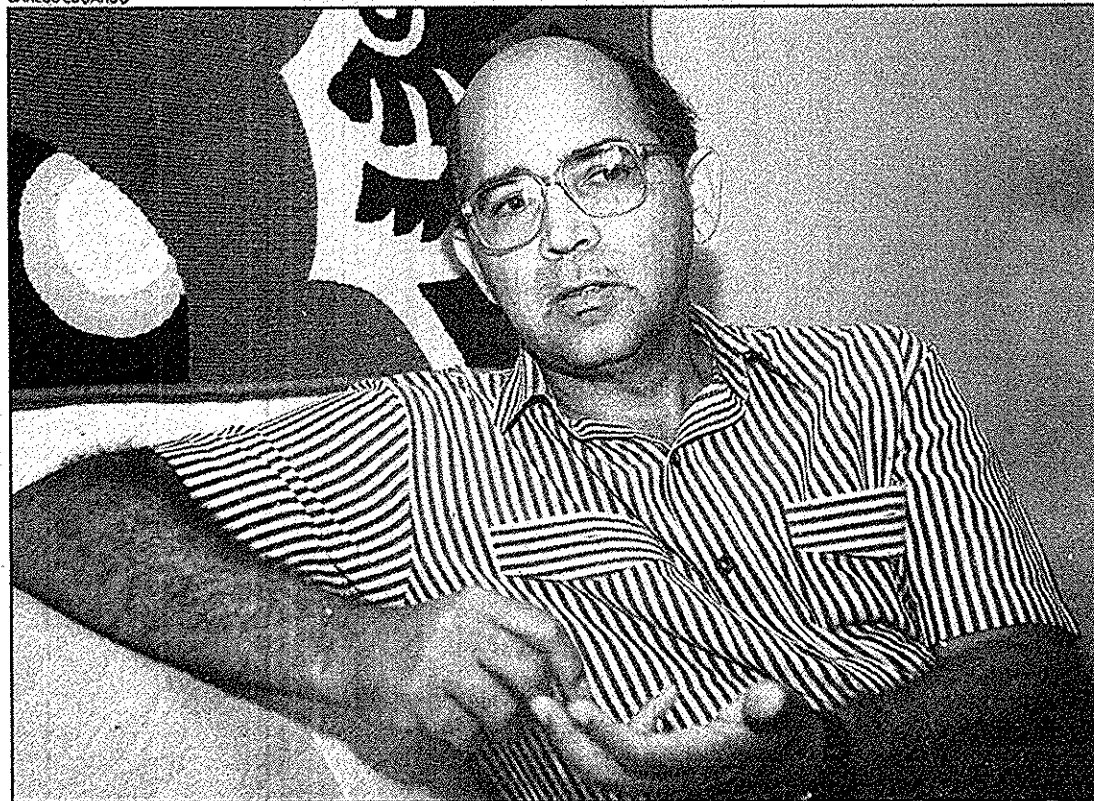
A meu ver, em Brasília tudo se relaciona ao binômio água-solo. Daí deriva todo o processo de recuperação da água, Brasília cabeceira, Brasília não recebe contribuição de outras

Carmem Cruz

O engenheiro civil Newton de Castro, 47 anos, assume hoje o cargo de secretário de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia do Distrito Federal (Sematec) decidido a capitanear um movimento em defesa do cerrado brasileiro. Quando à frente da pasta pela primeira vez, de maio a dezembro de 1990, Newton de Castro coordenou a reunião de pesquisas e estudos existentes sobre o cerrado, que resultou num livro editado pela Universidade de Brasília e que vai agora para a segunda edição. Para o novo secretário de Meio Ambiente, é hora de forjar uma consciência sobre a importância, a sabedoria deste bioma que, apesar de considerado um celeiro, tem suas fragilidades. Dentre as suas prioridades estará o gerenciamento ambiental, sempre buscando compatibilizar o meio ambiente com a questão social.

Pretende ainda olhar com carinho as unidades de conservação e particularmente para os parques que, segundo ele, são a melhor forma de levar o meio ambiente a todos. A economia de energia e a escassez dos recursos hídricos também estão entre suas prioridades.

CARLOS EDUARDO



O secretário Newton de Castro acha que a política ambiental deve ser ligada ao social

“Brasília tem que tender ao que eu chamo de secundário qualificado, ou seja, a indústria sem chaminés”

áreas em termos de água. Essa mesma água atuando dentro de um solo que tem suas fragilidades, pois a estrutura do solo do cerrado é frágil. Então, o próprio ecossistema, o bioma cerrado, tem suas fragilidades e suas fortalezas. As fragilidades são exatamente a hora em que a devastação não obedece a princípios mínimos; e a fortaleza está exatamente no cerrado aguentar longo período de seca, exigir pouco e dar muito. O

ecossistema depende fundamentalmente de como nós vamos manejar essas duas variáveis, água e solo.

E já há no Distrito Federal um programa de gerenciamento desses recursos hídricos?

A prioridade que a gente pode dar nesse momento, e até por definição do governador Roriz, é a gerência ambiental. Acho que já tem toda a instrumentação básica em termos legais, é preciso apenas complementos.

Como é que o sr. pretende resolver a ocupação da área rural em parcelamentos típicos de área urbana?

As políticas habitacionais aqui foram muito restritivas e a própria cidade, por ser planejada, não ofereceu condições de as pessoas se localizarem e o Estado, no meu modo de ver, andou atrasado em relação a isso. Ora, você tem uma situação de fato, e essa situação tem que ser analisada à luz da legislação, e a definição básica do governador Roriz é que o que pode ser regularizado deve ser regularizado o mais rápido possível, e o que não pode ser regularizado tem que ser fiscalizado para evitar que

esse parcelamento continue.

A regularização dessa parcela dos condomínios que estão em condições aceitáveis dentro do que a lei permite não vai comprometer os recursos naturais?

Eu sou a favor do que eu chamo de “compromisso ambiental”. Vou citar um exemplo que nós tivemos recentemente em Brasília. A vila Varjão é um exemplo de como a população pobre luta pelos seus direitos, atendeu a lei, esperou pacientemente o relatório de impacto ambiental, esperou o projeto e se autoconteveu. O princípio básico da vila Varjão foi uma combinação com os moradores de que era possível eles ficarem ali desde que não houvesse uma expansão.

O crescimento de Brasília, incluindo os assentamentos, de alguma forma compromete a qualidade de vida do brasiliense?

Pelo contrário. Eu participei de toda a política de assentamento do governador e em um determinado momento fui o coordenador, e uma das preocupações foi a ambiental, mas a preocupação ambiental junto

com a preocupação social.

Brasília tem espaço para a industrialização? E de que forma esse processo pode se dar?

Brasília tem que tender ao que eu chamo de “secundário qualificado”, ou seja, a indústria sem chaminés. Ela tem que tender a desenvolver programas de pequenas empresas, programas mais sofisticados em que se utilize mais mão-de-obra e menos matéria-prima, como é o caso da indústria de informática, mesmo porque você não pode trabalhar uma metrópole de dois milhões de habitantes sem uma política de emprego.

Há algum tempo a Secretaria do Meio Ambiente iniciou uma política de limpeza pública. Como é que o sr. pretende conduzir essa política?

Ainda na minha primeira gestão nós começamos um projeto-piloto em Brazlândia de reciclagem com coleta seletiva e, inclusive, com a formação de composto orgânico. Eu entendo que a coleta seletiva é o caminho, porque na verdade o lixo hoje é encarado como riqueza e não como pobreza.

A invasão de áreas urbanas no Plano Piloto e em algumas áreas das cidades-satélites foi sempre um problema que preocupou a Secretaria do Meio Ambiente. Como é que o sr. vai tratar essa questão?

Essa questão é tratada mais dire-

tamente pelas administrações, pela Secretaria de Obras e pelo Instituto de Desenvolvimento Urbano, mas há aí um problema ambiental. Acho que a Sematec tem que atuar complementariamente a isso e a sociedade

“Águas Emendadas é um local sagrado. O governo está interessado em resolver a questão e não vejo retrocesso possível”

tem que ser criativa na solução desse problema.

Como é que o sr. vê a lei ambiental do Distrito Federal. Na Lei Orgânica houve avanços no capítulo relativo ao meio ambiente?

Em termos de legislação ambiental o DF é cabeça-de-chave no Brasil. Acho até que ele é precisista demais. A legislação ambiental tem que ser encarada também como um sonho a atingir, porque se formos querer aplicar rigidamente tudo aquilo que ali está determinado, ao invés de a gente avançar, podemos recuar.

Como é que o senhor vê o saneamento básico e a infra-estrutura para a qualidade de vida no ambiente urbano?

Brasília hoje é campeã no Brasil dentre todas as capitais, em água potável, a maior parcela da população atendida por água tratada hoje em capital é Brasília, de esgoto e de tratamento de esgoto também. Isso não significa que fiquemos numa posição passiva, acho que ainda há muita coisa a fazer.

A fiscalização não pode ser fortalecida?

Eu acho que a fiscalização é ponto fundamental. Essa gerência ambiental depende da boa cultura da fiscalização. Temos que tomar uma linha coerente, racional e evolutiva, muito calcada na educação e na consciência ambiental.

Em termos de cerrado uma das áreas que se poderia dizer das mais representativas desse bioma, Águas Emendadas, está sofrendo ameaça. Como o sr. pretende resolver essa questão?

Águas Emendadas é um local sagrado, é uma coisa que devíamos inclusive mostrar e demonstrar cada vez mais a importância daquele parque ecológico. É um problema evolutivo, porque aquilo lá era encarado como uma coisa qualquer. Então passa pela conscientização, o Governo está fortemente interessado em resolver e não vejo nenhuma possibilidade de regressão quanto ao processo de desapropriação, porque inclusive é protegido por lei.

E as ameaças de uma forma geral contra o cerrado, como é que o sr. encara?

A época em que estivemos lá talvez a coisa que mais me agradou ter feito foi reunir uma série de pesquisas sobre o cerrado brasileiro, um livro da Universidade de Brasília que me parece que agora vai para a segunda edição. Hoje a gente sabe que a Mata Atlântica é importante, o progresso Amazônico é importante num mesmo nível de igualdade como o cerrado, até porque ele já é chamado de celeiro, mais para ele continuar sendo celeiro ele tem que ter práticas adequadas, se não ele vai ser um deserto e a exploração predatória tem mostrado que a desertificação é um fato. Eu me incluo entre aqueles que acham que há que ter uma corrente ambientalista forte na defesa do cerrado.